

Pensando com a cabeça na Terra

Ailton Krenak

Resumo: Ailton Krenak reflete, nesse texto, sobre as relações entre a política estatal das identidades e os efeitos da discriminação; as atividades de produção econômica voltada ao mercado e a devastação ambiental; e as formas como a produção e circulação de conhecimento são institucionalizadas – na Universidade, principalmente – e a marginalização de outras cosmologias. Propõe o fomento à erupção do pensamento rebelde que potencialize a descolonização das formas de conhecimento e ação no mundo.

Palavras-chave: Identidade, nacionalidade, ecologia, universidade, povos indígenas

Abstract: Ailton Krenak addresses, in this text, the conflictive relations between state identity politics in Brazil and the effects of discrimination; the activities of economic production directed to the market and environmental devastation; and the ways through which the production and circulation of knowledge are institutionalized – mainly in Universities – and the marginalization of other cosmologies. He proposes the promotion of forms of insurgent thinking that potentialize the decolonization of knowledge and action in the world.

Keywords: identity, nationality, ecology, university, indigenous peoples

Só cheguei agora, no final do dia nesta VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, quando já aconteceu muita coisa na semana. Vim movido por um sentimento profundo da ativa visão do momento que nós estamos vivendo, o



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

debate acerca da exigência de abertura para novos paradigmas na produção de conhecimento. O tempo reclama novas epistemologias, visões para um mundo em vertigem.

Os movimentos sociais e especialmente milhares de excluídos dos espaços de produção e de fruição - desta produção que é esperada das pesquisas nas Universidades e Institutos de Educação e Ensino Superior, - seguem reproduzindo práticas conservadoras que limitam a presença de novas ideias e visões de mundo, percepções estranhas à velha reprodução de modelos encrustada em nossas instituições, que resistem às mudanças, mesmo quando essas são exigidas por lei, - como a que estabelece a criação de vagas para indígenas e negros nos Institutos de Ensino Superior, a Lei 11.645, que esta Universidade ainda reluta em promover de forma ampla. Um debate que deve ser enfrentado no âmbito da discussão que nos reúne aqui na USP, mas também para além dos muros da Universidade.

Agradeço a apresentação que a professora Marta Rosa Amoroso me proporcionou - quase um manifesto atualizado do que penso sobre esta questão, e que vou seguir fazendo aqui nesta semana. Tenho a oportunidade de fazer esta fala nesta reunião ReACT, que junta pesquisadores de universidades de diversas regiões do país, reunindo aqui pensadores que eu gostaria de cumprimentar na pessoa do Jaime Matsé - da região do Vale do Javari - que tomou a palavra aqui neste auditório e nos deu uma ótima e completa visão do outro: estar em São Paulo e vendo quantos outros estão em São Paulo; refletindo tantas identidades, tantos mundos; e que ficou presente também na fala dos outros pensadores de diferentes tradições, de diferentes culturas, que se expressaram aqui nesse final de tarde.

As inquietações que tais pensamentos trazem e que dizem respeito ao gênero, à origem e à raça; às opções diversas que nós, os seres humanos, temos de fazer. Todas essas expressões motivam e movem a fala que compartilho com



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

vocês. Estar aqui fazendo essa fala é uma situação de privilégio numa sociedade extremamente segmentada e discricionária, com um imenso caleidoscópio de critérios para discriminar, que vai desde o tamanho do nariz ou do pé, à altura ou à cor. Esse imenso repertório que a composição, digamos assim, complexa da sociedade brasileira nos coloca, incita cada um de nós a acender os faróis e refletir as diferenças da maneira mais intensa, exatamente para não desaparecer no meio das paisagens. Porque as paisagens constituídas são paisagens para nos fazer desaparecer.

Aquele parente que se sente menor quando está em São Paulo do que quando está no Vale do Javari, na floresta onde vive seu povo, está refletindo o que milhares de pessoas sentem quando estão exilados de si mesmos, fora do seu lugar. O que nos põe diante de uma pergunta incômoda: qual é o meu lugar? Se toda vez que me sentir deslocado vou me sentir menos do que eu sou, onde é o meu lugar? Quero convidar vocês para fazermos uma viagem sobre o lugar.

Foi mencionado aqui um dos textos que tive a oportunidade de publicar há uns quinze anos, com o poético título: O lugar onde a terra descansa¹. Evocar um lugar onde a terra descansa é o sentimento que me move nesse encontro: que lugar é esse, onde a terra descansa? O lugar onde a terra descansa está em mim, ou está pelas paisagens onde me desloco, atribuo valores e significados? Se há um lugar onde a terra descansa, isto deve sugerir também que a terra pode ficar cansada, já que é pensada como um organismo vivo. O que não reflete a mesmice do pensamento racional e científico. E é daqui, deste lugar privilegiado onde a ciência deita e rola, que é preciso dizer que a ciência desde alguns séculos atrás decidiu que esse organismo vivo podia ser esquadrinhado, recortado, eventualmente triturado e enviado para diferentes

¹ Krenak, Ailton. O Lugar Onde a Terra Descansa/fotografias de Adriana Moura, Zaida Siqueira, Igor Pessoa, e José Caldas. Rio de Janeiro: ECO Rio/Núcleo de Cultura Indígena, 2000.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

cantos do mundo, como recurso. Assim como você pode ir a uma roça e colher o trigo ou colher o milho, você pode ir a uma paisagem e colher uma montanha. Você atrofia uma paisagem como se ela fosse alguma coisa que se pode repor a cada safra, a cada estação.

O que move a paisagem

Eu venho de uma região do nosso país que é feita de montanhas e de serras. É essa topografia que inspira os nativos daquela região, e nos inspirou a nomear aquele lugar de Minas Gerais. E esse lugar de montanhas, essa região de montanhas, está sofrendo, nos últimos 50 anos, uma alteração tão radical na paisagem, que se você se desloca por terra do Rio de Janeiro ou de São Paulo para chegar à região central de Minas Gerais, vai se impressionar com o tanto de serras que são a cada cinco ou seis anos removidas da paisagem.

Junto com as serras que estão sendo removidas, vem sendo desaparecidos também os rios, as nascentes, os corpos d'água que formavam aquela paisagem. Eles estão sendo sequestrados por uma lógica absurda, que não entende que a terra precisa também descansar.

E como traduzir para um pensamento plural, para uma sociedade complexa como a que nós acabamos por nos constituir, onde não há mais uma cosmovisão compartilhada? Onde, se eu disser para você que nós vamos dançar para suspender o céu, você pode até admitir que eu faça isso, mas exige que eu faça isso lá no meu terreiro? Porque o seu céu, esse céu que está na sua paisagem, vocês ainda não admitem que ele possa ter alguma comunhão com a terra, com vocês e com todos os outros seres que compartilham com você dessas paisagens.

O ensimesmamento e absurda concentração antropocêntrica, esse pensamento que orientou e que sustentou o processo de colonização das



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Américas e que trouxe este pensamento branco para ocupar as suas paisagens, imprimiu nestas a visão de uma planície, a visão de um lugar plano, onde o saque de toda riqueza, de toda fartura da natureza se constituiu no projeto civilizatório, no projeto de conquista, no projeto de consolidação de um tipo de sociedade. Um tipo de sociedade que nós involuntariamente nos encaixamos, como essa sociedade brasileira que constituímos. Uma abstração, porque se nós somos tão diversos e temos demandas, desejos e projeções de mundo tão distintas, como que a gente pode se constituir assim, de graça, num concerto chamado "identidade brasileira", "povo brasileiro"?

Nas poucas ocasiões que tivemos de mostrar como que esse concerto se dá, a gente viu quase uma metade vestida de verde e amarelo, berrando no meio da rua: "morte, morte, morte, esfola, esfola, esfola", expulsando a outra metade do país pra ir morar em qualquer outro lugar do continente; e uma parte dessa comunidade, dessa comunidade cindida, tentando justificar por que é que ela se sentia tão menor naquele lugar por onde ela estava transitando.

Eu me lembro de uma imagem impressionante: um rapaz vestindo uma camiseta vermelha com uma mochila nas costas, atravessando um trecho de avenida, em São Paulo, na região central, cercado por um coletivo de uns 20, 30 camaradas vestidos de verde e amarelo, a ponto de trucidar o rapaz que estava vestido com uma camiseta vermelha. Foi no ano passado. Na época que estavam fazendo a campanha de empossamento desse senhor que está ocupando a Presidência da República. Uma campanha de acirramento do ódio contra os indígenas, contra os negros, contra os pardos, contra os listados, contra os qualquer coisa que não fosse aquela fixação do verde e amarelo. Que é, em último caso, a coisa que chamam de nossa identidade comum de brasileiros.

Se esse simbolismo que representaria o que nós temos em comum, numa identidade de brasileiros, se isso serve como farda para um coletivo de



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

fascistas sair esfolando as pessoas que não são iguais a eles, que não estão na mesma configuração do que eles entendem ser um cidadão, ser um brasileiro, onde é o lugar que nós podemos nos sentir em casa? Quando alguém que sai do Nordeste vai poder se sentir em casa em qualquer lugar deste país? Quando isso acontecer, a gente vai poder pensar que estamos constituindo uma comunidade, que na sua diversidade, consegue respeitar as diferenças e constituir alguma coisa parecida com uma nacionalidade.

Constituir uma nacionalidade não é suplantando as identidades e mascarando os nossos conflitos e as nossas diferenças. Mas é ser capaz de fazer o que o coletivo que realizou a intervenção² aqui no auditório, antes deste painel. Nos surpreendeu com uma energia maravilhosa, esquentou o auditório com a ocupação deste espaço, evocando ocupações que foram feitas nas escolas em várias regiões do país; mostrando ao Estado brasileiro que eles ainda têm pulso na vida das diferentes comunidades nesse país, que eles são capazes de se rebelar, que são capazes de reagir à pasmaceira que o pensamento dominante tenta impor a todos nós.

A estimulante presença dos indígenas, dos negros, das diferentes famílias de diferentes regiões desse país, dos diferentes complexos de culturas e de identidades que não temos como listar aqui... (apesar de o Estado, através de suas diferentes agências, procurar criar listas, como “povos tradicionais”, “comunidades” ou “povos”, para discriminar melhor e fazer sua política de segregação dirigida de uma maneira organizada). Mas, para muito além dessas listas, as nossas diferenças são o que constitui a potência verdadeira que vai nos dar a força de não permitir que o Estado ponha uma canga sobre todos nós e nos domestique a todos.

² Performance-intervenção “Só me convidem para uma Revolução onde eu possa dançar”, apresentada no dia 18 de maio de 2017 no Auditório István Jancsó (USP), por Martha Kiss Perrone e Coletivo de Secundaristas.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Tem uma pequena parte do nosso povo que continua, ainda, envergonhado em alguns lugares por onde circula. Mas essa vergonha é potência, porque é estranhamento. Essa vergonha é não ter entregado ainda o seu último reduto à dominação colonialista. E não ter se constituído, também, num aparato ou num aparelho de reprodução do pensamento colonial. Porque a tragédia é quando uns de nós, domesticados pelo pensamento colonial, passamos a reproduzir isso de uma maneira tão eficiente que em torno de nós criamos colônias de pessoas subjugadas, submetidas e humilhadas, que vão se sentir sempre menores do que são, em qualquer lugar que estiverem, porque estão espelhando um modelo de vida que não é o que ele traz em si, mas sim o que estão oferecendo para ele.

Nesse sentido, pensar as Universidades como alguma coisa fora desse aparato que o Estado manipula e gere pode ser muito ingênuo. As Universidades fazem parte do aparato, do organismo de dominação que os Estados Nacionais estendem como seus dedinhos para alcançar os seus objetivos, buscando a informação, o conhecimento, buscando todo o aporte que o Estado, obviamente, necessita para se retroalimentar e continuar atualizado sobre como melhor dominar as nossas diferenças, as nossas diversidades.

É interessante que essa instituição que se chama Universidade, o que ela menos tem de natureza própria seja universal. Ela trai o próprio sentido da sua origem, que era o de dar trânsito a todas as visões de mundo, a todas as capacidades criativas, à invenção, ao pensamento. Essa instituição que não podia trair seu sentido de origem, trai esse sentido quando começa a estabelecer, por exemplo, que 80% ou 90% de seus frequentadores vão ser, sei lá, cor de rosa. E que os outros 9% vão ser xadrezes, e que alguns outros vão ser com bolinhas. Essas estatísticas se justificam para o planejamento, para o orçamento, mas são injustificáveis do ponto de vista moral e do ponto de vista ético. É injustificável que uma instituição aceite essas marcas. Quando as instituições convivem, aceitam e integram essas marcas, elas se constituem



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

numa extensão do aparelho do Estado, que só quer dominar, submeter e escravizar nossa capacidade de revolta, a nossa capacidade de criação. Se nós aceitamos que as Universidades continuem aparelhadas pelo Estado, uma extensão dele, assim como as polícias o são, nós vamos permitir que os nossos filhos e que as futuras gerações venham a se constituir cada vez mais em pessoas servis e reprodutoras do pensamento colonial.

Em países periféricos como o Brasil e alguns outros vizinhos nossos da América Latina, o que melhor nossas Universidades fazem é convencer os nossos filhos de que as melhores bibliografias que existem para eles são aquelas em alemão, em francês ou inglês. Em qualquer outra língua, mas nunca a dele. Nunca a voz que ele reconhece como a voz do seu avô, do seu pai, da sua família. São vozes estranhas que constituem o saber, são vozes de outro lugar, que sempre vão nos fazer sentir menor em qualquer lugar do mundo.

Se a terra é esse organismo vivo e se nós estamos enraizados nesse organismo vivo, nós temos que expressar a potência desse organismo vivo em qualquer lugar, em qualquer volta que ela der com a gente. Nós temos que poder nos deslocar no planeta sem sentir o constrangimento de estar andando em corredores vigiados.

Com aquele grito os meninos, aqui nesses corredores, estão dizendo com expressão potente de raiva que querem acabar com as práticas cotidianas de repressão e de dominação que experimentamos na nossa forma de nos organizar em sociedade, e que se reflete de uma maneira grotesca na experiência da educação. Quando jovens estão na sua formação, na sua experiência formativa, eles deveriam encontrar um lugar acolhedor, um jardim acolhedor que estimula a pensar, e não um lugar de repressão onde se sentem o tempo todo constrangidos e ameaçados. Isso não é educação. E as Universidades seguem o mesmo duto estreito do ensino fundamental e do



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

secundário, de levar as pessoas a esse ambiente constrangedor, intimidante, que faz o sujeito se sentir, no máximo, um invólucro vazio pra ser preenchido com bibliografias e ideias alienígenas, prostrado para ser uma réplica dos seus dominadores. Se a Universidade faz isso, é melhor que se transforme em hortas, jardins, jardins botânicos, ao invés de ficar enganando as pessoas.

Eu espero que fique bem explicitado a minha preocupação com o fato de muitos dos jovens de diferentes povos chamados indígenas se sentirem atraídos por esse canteiro que são as Universidades. Que atração é essa, que a Universidade provoca nos jovens dos povos Xukuru-Kariri e Pankararu, da região nordeste, dos Tikuna no Solimões, e de outros como os Yanomami, que estão lá em Roraima. A gente podia pensar: bom, os Yanomami vivem numa região ainda tão afastada desse choque de cultura que o Centro-Oeste e que o Nordeste já experimentam há tanto tempo, que talvez eles consigam consolidar uma visão de mundo e não se impressionem tanto com os apelos dessa incrível sinfonia do mercado, da mercadoria, como diz o Davi Kopenawa Yanomami³, acerca dessa civilização da mercadoria que consegue transformar até aquilo que seria o saber numa coisa para vender.

Algumas pessoas ficam frustradas de não poder pagar o que algumas Universidades exigem para que possam passar lá por dentro e sair, ao final, com um MBA, com um doutorado ou mestrado - pois aí, teria comprado o seu céu, à semelhança do que acontecia quando o catolicismo era aquele pensamento dominante e a fé católica, a fé cristã, fazia com que um sujeito que arrancava ouro e diamante nas serras de Minas desse pelo menos 1/10 daquela riqueza que retirava para obter um crachá para entrar no céu. Pode até parecer barroco, mas vocês podem ter certeza que o preço do ouro que

³ Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

pagavam lá e o valor que pagam aqui são mais ou menos equivalentes. As pessoas pagam os olhos da cara para serem colonizadas.

O que nós deveríamos era provocar a irrupção de um pensamento rebelde que fosse capaz de pensar, junto com cada lugar onde nós vivemos, a potência que a terra tem para se fazer respeitar. Se é um organismo vivo, precisa ser respeitado. Nós não temos que “cuidar” da terra, nós temos que respeitar esse organismo vivo que é a terra. E nós só estamos aqui porque ela ainda nos suporta, nos acolhe, nos abriga, dá comida, põe a gente para dormir, desperta.

Em nossa pouca paciência e pouca capacidade de escuta, achamos que podemos nos desfazer desse maravilhoso organismo, do qual somos células. Não é um comentário místico, não estou fazendo nenhuma transcendência. Eu só estou lembrando a vocês que este organismo vivo integra a nós também. Somos células desse organismo vivo. E é de uma traição absurda a gente ignorar a nossa origem na terra e discriminar todos os outros seres que têm origem nesse organismo vivo da terra que poderia reconstituir, ou constituir, junto com cada um de nós, uma teia de plena experiência criativa com o organismo vivo da terra. Nós ficamos rendidos a uma dieta cerebral e temos pouca comunhão com tudo o que a terra nos possibilita.

Eu queria agradecer a vocês a oportunidade de fala, é a presença de vocês aqui que me possibilita trazer estas palavras. Nós somos células desse organismo maravilhoso que alguém já disse que é uma nave azul viajando no espaço. Tem que ser muito careta para não conseguir pensar nisso.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Bibliografia

Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Krenak, Ailton. O Lugar Onde a Terra Descansa [fotografias de Adriana Moura, Zaida Siqueira, Igor Pessoa, e José Caldas]. Rio de Janeiro: ECO Rio/Núcleo de Cultura Indígena, 2000.